



O Ciberespaço como lugar para o jornalista¹

Rafael Pereira da SILVA²
Universidade Federal de Juiz de Fora, JF

RESUMO

O presente texto busca discutir e analisar as novas formas de produção e veiculação de informação no ciberespaço. Além disso, pretende-se analisar a preparação e os modos de atuação do jornalista nesse novo cenário, onde todos podem ser produtores e disseminadores de informação. As novas mídias exigem novas capacidades técnicas e habilidades por parte dos jornalistas, mas será que eles estão preparados para atuar nesse novo meio?

PALAVRAS-CHAVE: perfil jornalista, novas tecnologias, produção de notícia

Introdução

A popularização da internet no decorrer da década de 1990 provocou uma revolução sem precedentes na sociedade. As novas tecnologias geraram novas formas de comunicação, expressão, interação e relação entre os usuários, principalmente quanto à manifestação da opinião e busca de informações. Após duas décadas de desenvolvimento e aprendizagem, a internet evoluiu para um patamar em que o usuário é a peça chave do sistema. Essa mudança não representa, apenas, uma transformação de ordem tecnológica, mas também social. Para Pierry Lévy (1999):

A revolução tecnológica possibilitou o surgimento de um ambiente cultural singular e universal constituído por técnicas, práticas, modos de pensamento e valores que inclui o conhecimento, as crenças, a ética, os costumes, os saberes cotidianos e os hábitos construídos nas relações entre pessoas, grupos, instituições ou organizações sociais informais com o aparato técnico da infraestrutura material da comunicação digital. (LÉVY, 1999 apud DEL BIANCO, 2005, p.135-136).

No jornalismo as novas tecnologias mudaram e modificam a cada dia mais as rotinas de trabalho e o modo de se fazer jornalismo, exigindo do jornalista novas habilidades. Hoje, mais do que nunca, o mercado exige um profissional que saiba se adaptar e usufruir das modernas facilidades de acesso às múltiplas fontes de informação que existem no ciberespaço.

A Internet implica não só numa participação ativa da audiência na seleção e processamento da mensagem, mas também na participação ativa em sua criação. (...) Os emissores tradicionais da mensagem, neste caso, os jornalistas,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. domrafasil@gmail.com



confrontam-se não só com um novo método de entrega, como também estão diante de uma nova mudança fundamental em seu papel dentro do processo comunicativo. (SINGER, 1998, p.2 apud OLIVEIRA, 2001, p.107).

Os acessos eletrônicos aos bancos de dados e aos documentos, antes mantidos em poder privado, aumentaram e diversificaram o acesso à informação. Esse novo cenário traz perspectivas interessantes para os profissionais de jornalismo, isso porque tornou-se possível fazer um trabalho muito mais aprofundado, coerente e completo utilizando a consulta em bancos de dados virtuais, no entanto a averiguação, atualização dos dados, e credibilidade das fontes requer um esforço adicional, por vezes, sobre-humano ao jornalista.

A profissão, tradicionalmente, vem cumprindo o papel de “pinçar” o que é relevante, já que na sociedade moderna há uma sobrecarga de informação, que por muitas vezes deixam o leitor confuso e distante daquilo que é de seu interesse saber. Com a Internet essa dificuldade multiplicou-se, face à avalanche de informação que é colocada na rede, muitas vezes falsa, incorreta ou desconexa, por isso os jornalistas seriam agora mais necessários do que nunca. A eles, continuariam a estar destinadas as atividades de seleção, hierarquização, decodificação, contextualização e interpretação de informação.

No cotidiano da redação de meios de comunicação tradicionais, como rádio, televisão e jornal impresso, a Internet serve como porta de canal de acesso e contato com múltiplas fontes, agências de notícias e jornais online. É verdade que a rede é uma ferramenta que cria a possibilidade para que, virtualmente, se possa fazer o trabalho de vigilância e examinar documentos oficiais, realizar investigações e trabalhar assuntos que, em boa parte, são esnobados pela imprensa tradicional. No entanto, ao se observar rotinas produtivas da notícia, especialmente do radiojornalismo, fica evidente que o seu uso está aquém de seu potencial de alterar a profundidade do jornalismo, contribuindo para que a reportagem possa ir além do jornalismo declaratório (...) De fato, a rede tem sido um instrumento para coletar informação pronta de segunda ou terceira mão a qualquer momento. Essa modalidade tornou a Internet parte constitutiva do próprio método de checagem e apuração (DEL BIANCO, 2005, p.138).

Portanto é necessário que os jornalistas estejam “atenados” às reconfiguração dos modos de produção do jornalismo contemporâneo, condicionada pela adoção de tecnologias digitais da informação e comunicação. As novas ferramentas digitais colaboram com reestruturação da profissão, com a produção industrial da notícia, e nas relações entre empresas de comunicação, fontes, audiência, governos e sociedade.

Para Resende (2008), se antes os jornalistas não dispensavam o telefone e a apuração nas ruas, agora quase ninguém começa uma reportagem sem realizar uma pesquisa on-line. Parece não haver assunto que não possa ser encontrado através de palavras, ou mesmo de uma frase adequada, digitadas num site de busca. A internet ampliou a forma tradicional de fazer jornalismo, esta ferramenta transformou-se em um acessório indispensável para a prática. Se antes armários imensos de livros e arquivos carregavam



escuras salas de redações ou bibliotecas, atualmente, todo o material de arquivo está disponível na tela de um computador, gratuitamente ou a um preço bastante inferior aos dos arquivos físicos. “Cada trabalhador intelectual, esteja onde estiver, tem acesso aos bancos de dados de todo o mundo, além de jornais e revistas, que cada vez mais produzem também uma versão para a internet” (KUCINSKI, 2005, p.74).

As novas tecnologias também possibilitam a eliminação de erros de edição. Se uma matéria era publicada com dados equivocados, imagens erradas, erros gramaticais ou qualquer fator que peça uma retratação, a correção viria apenas no dia seguinte no caso dos veículos impressos, no entanto, em relação às publicações on-line, a interação é imediata e o erro é corrigido em segundos. No entanto a Web também tem suas desvantagens:

A estrutura descentralizada do ciberespaço complica o trabalho de apuração dos jornalistas nas redes devido à multiplicação das fontes sem tradição especializada no tratamento de notícias, espalhadas agora em escala mundial. [...] Na medida em que a arquitetura descentralizada do ciberespaço desarticula o modelo clássico, o exercício do jornalismo nas redes telemáticas depende do estabelecimento de critérios capazes de garantir a confiabilidade do sistema de apuração dentro de um entorno com as especificidades do mundo digital (MACHADO, 2003, p.4).

Já Lima Junior (2008) afirma que o grande volume de informações coletadas e armazenadas através da internet ultrapassa a capacidade humana, principalmente a do jornalista, diante da tarefa de levantar dados e realizar o cruzamento de informações para análises posteriores. Segundo o autor, apesar da aparente facilidade de utilização de mecanismos de busca, o jornalista vê seu trabalho de pesquisa se tornar cada vez mais complexo na tentativa de se obter informações consolidadas e contextualizadas. O ciberespaço também traz consigo mudanças na relação entre usuários (receptores) e conteúdos, na medida em que nesse ambiente todos podem ser produtores.

Entre os muitos problemas criados pelas novas tecnologias um dos principais enfrentados pelos jornalistas durante a pesquisa na internet diz respeito ao volume de informações disponíveis, uma vez que grande parte desse conteúdo não dispõe de credibilidade e contextualização. Diante deste quadro, percebemos mudanças no perfil do profissional de jornalismo. Esse novo perfil ganha tal complexidade, que Nilson Lage (1995) citado por Oliveira (2001), acredita que esta será uma das profissões menos atingidas pelo desemprego tecnológico, mas em contrapartida, exigirá permanente atualização e aperfeiçoamento do profissional.

(...) nem repórteres, nem redatores, nem revisores ou mesmo projetistas gráficos têm seus empregos ameaçados pela tecnologia, a curto e médio prazos. Ampliou-se, sem dúvida, o âmbito de suas atribuições. A reciclagem necessária para isso é do tipo inclusiva, isto é, nos obriga a acrescentar a nossas habilidades o manuseio de sistemas informatizados e o conhecimento de



processos de telemática, afora a percepção mais aguda das questões sociais contemporâneas. (...) a realidade da convergência tecnológica fará surgir um novo tipo de jornalista, informado sobre questões relacionadas com a produção de mensagens em sistemas informatizados e telemáticos”. (LAGE, 1995, p.4 apud OLIVEIRA, 2001, p. 122)

Para Oliveira (2001), o jornalista terá que ser um “engenheiro de conteúdo”, uma pessoa que ajuda a organizar e estruturar o conteúdo dentro da internet. Ele precisará de fortes conhecimentos de ciências da computação, especialmente no que tange a bancos de dados e lógica. Essa nova competência não é a essência da profissão, mas surge como mais um habilidade a ser desenvolvida. Essa nova combinação de jornalista e tecnólogo pode ultrapassar velhas posições nas redações. Assim, jornalistas tradicionais que desejem manter seu status deveriam se preocupar em acrescentar essas capacidades tecnológicas aos seus currículos. De acordo com Maria Teresa Martin (2000), é possível identificar dois tipos de profissionais dentro das redações:

Ambos são jornalistas. O primeiro desempenha atividades eminentemente jornalísticas de busca, processamento, análise e redação de conteúdo para a Rede. O outro profissional Martin denomina de “assistente de informação”, geralmente um jornalista recém-formado ou redator de pouca experiência, que filtra a informação nas páginas e *e-mails* para submetê-la à avaliação da redação. Embora muitos possam ver com pouco entusiasmo esse último trabalho, essa é uma atividade que vem se convertendo em um mercado em franca expansão, não só dentro das companhias jornalísticas, mas também nas *Intranets* das grandes empresas (MARTIN, 2000 apud OLIVEIRA, 2001p. 123-124).

Já Cleyton Carlos Torres (2011) acredita que apenas uma aparência agradável, uma voz marcante ou um texto inconfundível por sua qualidade impecável já não é mais o suficiente. Quanto mais dinâmico e instantâneo fica o jornalismo digital, mais complexas suas formas se apresentam. Além de integrar o leitor em sua pauta diária, o jornalista contemporâneo deve ter um leque muito mais amplo de habilidades, as quais jamais imaginou precisar possuir. Para ele, o profissional da notícia deve, além de escrever um artigo de forma categórica e bem estruturada, saber programar uma página ou até mesmo todo um site na internet, o novo profissional deve ser polivalente:

Editar, formatar, inserir animações, converter um formato específico ou entender de mecanismos e aplicativos complexos passa a ser tarefa do repórter de vídeo. Há grandes exemplos de jornalistas que trabalham de forma autônoma, produzindo a matéria e formatando-a inteiramente em uma ilha móvel, entregando o vídeo logo em seguida às grandes emissoras e sendo pagos quando o conteúdo for exibido (TORRES, 14/06/2011. Observatório da Imprensa, na edição 646).



Torres (2011) coloca ainda que a internet não muda apenas a maneira como o jornalismo deve ser produzido e enviado ao seu público, mas interfere também no modo como os jornalistas encaram suas profissões. A máxima de que um jornalista é, na verdade, um especialista em generalidades, sofre um alto grau de complexidade e obriga a que você se especialize cada vez mais em um número cada vez maior de generalidades.

Marcondes Filho (2003) coloca que em uma era de altas e sofisticadas tecnologias informatizadas, em que os principais atores políticos já não são mais homens e mulheres, mas redes, sistemas e complexos equipamentos, jornalistas aparecem como espécies de “gerentes” dessa máquina, fazendo a interface com o grande público. De certa forma, esse novo papel do jornalista de gerente de informação amplia o conceito teórico do jornalista como um porteiro³ que seleciona, que faz um filtro do que é ou não notícia. E, como na internet, é difícil determinar quais fontes são confiáveis, ganha ainda mais importância o papel do profissional de comunicação, em especial publicações jornalísticas, cujos editores e profissionais, baseados num código deontológico, checam e recheam as fontes, interpretando dados e contextualizando fatos, para levar ao leitor uma informação precisa e de qualidade.

Para a pesquisadora Jane Singer (1998) citada por Oliveira (2001, p 130), a função de “porteiro” está se adaptando e ganhando uma outra dimensão na Internet: imprimir credibilidade à informação, um valor inestimável neste novo cenário. A verdade é que a internet criou novos rumos e novas maneiras de se fazer jornalismo, possibilitou novas potencialidades, em um jornal digital por exemplo é necessário ter novas habilidades, apenas a capacidade intelectual não é mais suficiente:

As habilidades que um jornalista deve ter e administrar em jornal digital são muitas e dificilmente uma só pessoa conseguirá cobrir sozinho todas as tarefas, embora sejam muitos os casos de micro-redações formadas por uma ou duas pessoas que administram e “redigem” seu próprio jornal. As redações nos jornais digitais deverão adaptar-se, criando novas estruturas e funções, incorporando à equipe as competências necessárias para elaboração dos novos produtos (OLIVEIRA, 2001, p.140).

A autora elenca algumas dessas novas habilidades e funções que devem possuir o profissional de jornalismo em mídias digitais:

- manuseio de sistemas informatizados e o conhecimento de processos de telemática; busca e arquivamento de informações auxiliada por computador; pesquisa e criação de base de dados; domínio da redação não-linear e hipertexto; apresentação e edição da reportagem em formato multimídia; atualização constante das notícias (fim do *deadline*); rotina de interação com leitor; especialização em área de conhecimento; reportagem e

³ Referência à teoria *dogatekeeper*, segundo a qual o jornalista atua como um “porteiro” ou “vigilante” da informação, e, como um filtro, identifica o que é ou não notícia;



publicação de notícias com base em critérios éticos que assegurem a veracidade da informação.

Oliveira (idem) explica que as habilidades relatadas acima referem-se apenas às novas atribuições que devem ser somadas ao perfil do jornalista da “antiga mídia”. Muitas habilidades, rotinas e critérios aplicados nos meios tradicionais continuam em vigor e são imprescindíveis para o trabalho na rede, principalmente os aspectos ligados à ética profissional. Mas a função principal, e as regras básicas de se fazer um bom jornalismo não foram alteradas. Ainda é preciso ouvir fontes múltiplas, fazer uma profunda pesquisa e uma boa apuração dos fatos antes de publicá-los.

O relacionamento com as fontes no ciberespaço

Uma nova forma de comunicação cria novas formas de interagir e relacionar-se com as fontes. Para Machado (2003), a estrutura descentralizada do ciberespaço complica o trabalho de apuração dos jornalistas nas redes devido à multiplicação das fontes sem tradição especializada no tratamento de notícias, espalhadas agora em escala mundial.

De maneira geral, o trabalho de apuração jornalística passa pelo testemunho de fontes, estejam elas direta ou indiretamente ligadas ao fato narrado. Este procedimento de consulta às fontes pode ser considerado como uma espécie de regra, utilizada para garantir a legitimidade das informações. Para Resende (2008), a maioria dos autores, entre eles Nilson Lage e Elias Machado, classificam as fontes de informação como oficiais, oficiosas e independentes.

Para Nilson Lage (2001) existe um mau hábito, no jornalismo tradicional, de julgar as fontes oficiais como as mais confiáveis. Para ele, trata-se, de um vício no jornalismo porque a mentira ocupa lugar estratégico nas intervenções de personalidades ou instituições vinculadas aos poderes fáticos quando da defesa de interesses particulares, difundidos como manifestação da vontade coletiva.

Machado (2003) acredita que no ciberespaço, pela primeira vez, os movimentos sociais, até então atores políticos dependentes na medida em que a difusão do registro verbal na cena comum passa pela mediação das organizações jornalísticas, podem contribuir para a constituição de um espaço público democrático sem os impedimentos colocados pela tecnologia necessária para manter os meios convencionais. O que acontece é que, com o surgimento da possibilidade de apuração no ciberespaço, há um aumento significativo do número de fontes, uma vez que qualquer pessoa é, potencialmente, produtora de informação.



O que pode ser verificado hoje é que por meio de blogs, rede sociais, ou por meio de informações disponibilizadas em sites como o Wikipedia, os internautas disseminam variados tipos de conteúdos e informações, podendo, dessa forma, alterar o processo de apuração jornalística. No entanto, para Resende (2008) a facilidade de publicação de conteúdos na web levanta dúvidas em relação à credibilidade e veracidade das fontes e informações disponibilizadas. Outro fator que modifica o relacionamento com as fontes é a profissionalização das mesmas, o processo de constituição de assessorias de comunicação ou relações públicas orientadas para incluir temas particulares no fluxo dos sistemas de circulação de notícias representa um indício de que a profissionalização das fontes constitui uma das especificidades do processo de coleta de dados, produção e circulação de conteúdos no jornalismo na sociedade da informação.

Essa multiplicidade de fontes e a mudança da emissão de informação, que antes era de um para muitos, e hoje tornou-se de todos para todos, representa uma complexificação da vida social como consequência do desdobramento das instâncias produtoras de discursos e iniciativas, que revela a entrada de novos atores na cena social e exige uma estrutura distinta das organizações jornalísticas (MACHADO, 2003, p 7).

Para Oliveira (2008) no atual contexto é inevitável nos questionarmos sobre que tipos de mudanças esta convergência de mídias irá gerar no jornalismo. A transformação ainda está em curso e ainda é cedo para avistar-se com nitidez as consequências. Mas mesmo sob o impacto da novidade tecnológica, é necessário que os cursos de comunicação e jornalismo apropriem-se do assunto, das novas ferramentas, que criem laboratórios e currículos ajustados a este novo modelo de comunicação. Por isso, a autora defende como solução para a formação de um novo profissional um compartilhamento das responsabilidades entre universidades e empresas jornalísticas. A demanda por talentos se tornará tão grande que as cadeias de jornais e companhias de novas mídias terão de criar cursos de treinamento para candidatos a empregos, que passarão a maior parte de seu tempo na faculdade estudando tecnologia da informação.

Diante da nova realidade o treinamento dos jornalistas e dos usuários emerge como uma pré-condição para o acesso com proveito das fontes no ciberespaço, devido às particularidades das técnicas de apuração e das funções desempenhadas pelos diversos atores sociais nas redes telemáticas. Para desenvolver o trabalho jornalístico em um entorno cada vez mais amplo e complexo como o mundo digital, tanto o profissional quanto o usuário das redes telemáticas devem dominar técnicas adequadas para avaliar dados muito diversos, com valor desigual e propósitos distintos que cada cidadão pode publicar sem qualquer tipo de restrição prévia (MACHADO, 2003, p. 7).



Existem várias ferramentas fáceis e práticas que os jornalistas podem utilizar em seu dia a dia. As ferramentas digitais abriram um novo caminho para jornalistas do mundo inteiro, com um profundo impacto na forma de contar as notícias. Para Sandra Crucianelli (2010) nós que exercemos o jornalismo, os softwares que usamos todos os dias e a grande quantidade de recursos online à nossa disposição constituem dois suportes básicos do método de trabalho. É preciso conhecê-los e dominá-los, já que desse aproveitamento pode depender em grande medida a qualidade do nosso trabalho. E para isso é necessário que os jornalistas adquiram habilidades para fazer buscas eficientes e operar os recursos on-line com perícia, mais do que uma curiosidade, deveria ser um assunto obrigatório de estudo, compreensão e prática para os jornalistas. Ainda segundo a autora o nascimento do que é conhecido como Web 2.0 marcou talvez a diferença mais drástica que podemos observar neste campo. Isso aconteceu a partir do que é conhecido como “socialização da rede”, quando os usuários começaram a participar ativamente da gestão de conteúdo, compartilhando materiais de seu interesse em plataformas como o **YouTube** (www.youtube.com) ou o **Flickr** (www.flickr.com). A interação entre os usuários das chamadas “redes sociais” – sites como -- **Facebook** (www.facebook.com) ou **Twitter** (www.twitter.com) – abriram as portas para a colaboração na apuração de informações. O público soube aproveitar isso, e continua aproveitando, com um tremendo impacto no campo das comunicações. Pessoas comuns podem fazer contribuições reveladoras, trazendo dados que revelam fatos desconhecidos ou abrindo as portas de bancos de dados que contêm registros documentais de interesse inestimável para os jornalistas. Tudo isso está disponível on-line graças a um processo que democratizou a “posse” da informação.

Para Ramalho (2010) com a internet, o jornalista de um veículo ou assessoria de imprensa passou a ter novas ferramentas e um novo meio de comunicação, que, como qualquer outro, exige um treinamento e adaptação da linguagem.

O jornalista era o senhor da notícia, mestre da informação, e para alguns afetados colegas de profissão, o mensageiro dos deuses. Agora ele passa a fazer parte de um ecossistema de duas mãos, onde ele precisa ouvir, interagir, e engajar pessoas. Sua informação passa a fazer parte de uma rede onde ela nem sempre é a mais importante, a mais imediata e, pior, a mais apurada (RAMALHO, 2005, p. 188).

É nesse novo espaço onde todos são capazes de produzir e divulgar informação que o jornalista contemporâneo deve atuar. Ele deve ser capaz de atualizar-se e reinventar-se incorporando as novas ferramentas ao seu cotidiano. Mas será que estão preparados para isso?



Jornalistas e as novas ferramentas da comunicação

As mensagens eletrônicas tornaram-se uma das ferramentas mais importantes da comunicação no mundo contemporâneo, não há profissional de jornalismo, e de outras áreas afins, além de políticos, representantes de cargos públicos, e membros de organizações não governamentais que não utilizem o e-mail. Essa nova ferramenta é rápida, barata, confiável, e não exige um domínio avançado por parte do usuário. Para Bruce Barrison:

Os jornalistas observam que o e-mail pode ser usado de maneira eficiente para responder a questões de rotina e verificação de fatos. Pode ser, com frequência, o único método disponível para contatar fontes em locais remotos ou em horários díspares. Fontes relutantes consideram atraente o disfarce que o e-mail permite e os repórteres percebem que fontes difíceis de serem acessadas se tornam, com frequência, mais acessíveis por e-mail (BARRISON, 2007, p.29)

Foi utilizando essa ferramenta oferecida pela web que realizamos entrevistas com jornalistas de Juiz de Fora, para verificar na prática o objeto de estudo deste trabalho, para saber como eles estão se apropriando das novas tecnologias e técnicas de apuração no ciberespaço em seu cotidiano profissional. Foram elaboradas 17 perguntas com o intuito de verificar como os jornalistas estão ampliando seus horizontes e criando novas habilidades para manusear essas ferramentas digitais. As perguntas também tiveram o objetivo de analisar qual é a percepção que os profissionais têm das mudanças no ambiente redacional e entender qual é o perfil do novo profissional de jornalismo.

Os entrevistados foram:

Flavia Lopes: É repórter do jornal Tribuna de Minas há quatro anos, trabalha na editoria de economia, e é mestranda em comunicação, na linha Comunicação e Novas tecnologias na UFJF. Foi escolhida por estudar no mestrado a utilização dessas novas tecnologias no ambiente profissional.

Oseir Cassola: Trabalhou no jornal Tribuna de Minas por 27 anos, atuando como repórter em várias editorias. Também foi editora de cidade/geral, economia, cultura, nacional, internacional. Hoje trabalha na assessoria de comunicação da UFJF.

Pablo Cordeiro: Trabalha no jornal Tribuna de Minas 1 ano na área de webjornalismo, fazendo a atualização do site.

Paulo César Magella: Editor-chefe do jornal Tribuna de Minas. Foi escolhido pelo cargo que ocupa e por ser um dos jornalistas mais experientes da cidade.

Ricardo Miranda: Repórter do jornal Tribuna de Minas há nove anos, trabalha na editoria de política, além disso é presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Juiz de Fora e professor universitário.

Paulo Roberto Figueira Leal: vice-diretor da Faculdade de Comunicação da UFJF.



Dos entrevistados contatados via e-mail e também redes sociais como o Facebook apenas o editor-chefe da Tribuna, Paulo César Magela, não respondeu às perguntas.

A primeira pergunta teve o objetivo de verificar qual é a percepção dos entrevistados sobre as transformações que o uso da internet tem provocado no conteúdo jornalístico e no cotidiano dentro das redações, bem como nas práticas de apuração e veiculação da notícia.

Todos os entrevistados consideram a internet como uma ferramenta facilitadora do trabalho jornalístico, agilizando o processo de produção e busca de informação, principalmente em relação à busca de publicações, de assuntos que já foram pautados na mídia, assim os repórteres podem buscar outras angulações para o mesmo assunto.

Saber utilizar as ferramentas propiciadas pelas novas tecnologias é fundamental para o jornalista contemporâneo. Mas será que ele está preparado para isto? Segundo Flávia Lopes, falta preparação na formação dos jornalistas para utilizarem essas novas tecnologias. “Não há disciplinas que os ensinem a montar planilhas ou a conhecer os sites que disponibilizam informações a serem tabuladas.” Já para Pablo Cordeiro utilizar as novas ferramentas é uma necessidade que o mercado pede. Ele acredita que o profissional deve adquirir a expertise para saber utilizar os buscadores a seu favor e cruzar os dados com os diversos aplicativos. Para Ricardo Mirando a dificuldade não está em utilizar as ferramentas de busca de dados na web e sim em cruzar e analisar a informação que chega. “Isso requer um conhecimento aprofundado da realidade, que ainda falta, principalmente, aos recém-formados.” (Apêndice V)

Além das ferramentas de busca de dados e informações como o Google e o Bing, é de suma importância que os jornalistas tenham uma ampla rede de informações e contatos na internet, e para isso a utilização das redes sociais são muito importantes. Flávia coloca que as redes sociais são hoje fontes inesgotáveis de pautas. Com um clique é possível encontrar personagens para matérias, avaliar tendências e também medir feedback de conteúdos publicados pelos veículos. No entanto, ela acredita que as redações ainda estão sem critérios definidos para a utilização dessas ferramentas.

Segundo Ricardo as redes sociais vêm exercendo um papel interessante particularmente no processo de apuração. Mas essa influência ainda não pode ser mensurada. “Como é novidade, é necessário aguardar se vai se manter ou não. Mas é preciso ter cuidado: declarações no Twitter e Facebook são frias”. (Apêndice V)

Já Pablo Cordeiro se mostrou mais entusiasmado com a utilização dessas ferramentas. Para ele, o público as utiliza para enviar pautas, reclamar, sugerir, opinar sobre um assunto, compartilhar o conteúdo. Ele considera uma obrigação do profissional entendê-



las e saber manipulá-las. É fundamental para os veículos ter um posicionamento correto e atual sobre as redes sociais. Elas não só servem para divulgação de informação, mas, primordialmente para ter um contato mais próximo da audiência. Esse contato não existia antes. “Eu as utilizo diariamente para divulgar conteúdo, buscar pautas, manter contato com fontes e oferecer feedback para o público leitor.”(Apêndice III)

Quem é o jornalista do século XXI

Diante dessas transformações tão sensíveis no ambiente e no fazer jornalístico, fica a pergunta: Quem é o profissional de jornalismo no século XXI? Para Flávia Lopes, o jornalista contemporâneo é um profissional que está atualizado sobre as ferramentas que a web proporciona. “Quem sabe onde buscar informações terá um trabalho diferenciado. O domínio de alguns programas (de edição de imagem, de vídeo, de diagramação e de edição na web) também fará diferença no currículo dos profissionais da informação”. (Apêndice I)

Já para Pablo Cordeiro o jornalista do século XXI:

É aquele que não tem preconceitos e estar disposto a escrever sobre tudo. Com o nicho da rede, nem sempre a informação mais ampla vai agradar a maior parcela de público. Às vezes o assunto mais peculiar pode satisfazer o público, mesmo que, tempos atrás, não tenha sido considerado um potencial assunto na lista de critérios de noticiabilidade. O segundo ponto para o jornalista é ser questionador e observador. O terceiro é saber manipular as novas tecnologias e as redes sociais, por exemplo. (Apêndice III)

Para Paulo Roberto o jornalista de hoje precisa ter curiosidade intelectual, compromisso com apuração rigorosa, capacidade de resistir à tentação do caminho fácil de acesso às informações quando isso implica descuido com a qualidade. Já Ricardo Miranda coloca que o jornalista 2.0 deve estar preparado para filtrar uma enormidade de informação diariamente. Isso é de extrema importância e relevância para a sociedade. Por outro lado, o profissional do impresso está voltado para o conteúdo mais específico e ampliado.

Para todos os entrevistados o perfil do profissional de hoje é de pessoas que estejam antenaas do com as mudanças e atualizando-se diariamente. Pablo Cordeiro argumenta ainda que:

O mercado de hoje pede mais do que a formação básica em jornalismo. O profissional que sabe redigir e apurar uma matéria é o básico que todos devem saber e não é diferencial no mercado. Com a introdução do jornalismo web, o profissional deve ter conhecimentos mais amplos, como saber manipular novas tecnologias; saber utilizar programas de edição de imagem e vídeo; desenvolver conteúdo para redes sociais; se for preciso, utilizar a câmera fotográfica ou filmadora; conhecer o que mais atrai a audiência nos textos para impresso, TV, rádio e web. O mercado pede profissionais multifacetários e não mais especialistas, que saibam manipular uma só mídia. O jornalismo online



influenciou todas as mídias, principalmente na interação, atratividade e feedback com o público. Esse é o perfil que o mercado pede. (Apêndice III)

No entanto, Ricardo Mirando faz uma ressalva, pois segundo ele, a atualização perante as novas tecnologias é importante, mas não o único fator para um bom jornalista. “Hoje em dia os novos profissionais que se formam têm algum domínio de técnica de texto, mas são alheios à realidade política, econômica e cultural do município, e isso é um fator importantíssimo que falta na formação dos novos jornalistas.” (Apêndice V).

Outro fator que contribui para a formação desse novo profissional da informação é a questão da convergência midiática. Na atualidade, é necessário que um jornalista seja capaz de produzir conteúdo para diversos meios. De acordo com Oseir Cassola a ideia do “repórter total” já era difundida nos anos 2000. No entanto segundo ela este acúmulo de obrigações pode, em algum momento, interferir no produto final. É preciso ter muito cuidado com a multitarefa.

Já Pablo Cordeiro aponta a convergência como uma necessidade do mercado:

Como o jornalista web não deve ter preconceitos e saber se modificar entre os meios, o jornalista tradicional também deve ter essa característica. Como jornalista web atualmente, sei as diferenças entre os veículos, mas não vejo dificuldade em escrever para outras mídias, como muitas vezes acontece. Acredito que a recíproca também deve ser válida. (Apêndice III)

Paulo Roberto corrobora com Cordeiro e afirma que cada vez há menos chance de um profissional dedicar-se a apenas uma das dimensões do jornalismo – é necessário adquirir versatilidade em diferentes mídias.

Ricardo Mirando finaliza dizendo que as relações de trabalho do jornalista mudaram muito com a proposta de convergência midiática. “Por conveniência do mercado, o profissional deve saber assoviar e chupar cana ao mesmo tempo. Não vale lamentar. É mais trabalho e o mesmo salário”. Ele argumenta que o que se tem visto, no entanto, é a manutenção da especialidade como bem competitivo. “O jornalista investigativo continua com prestígio para conduzir suas matérias e dificilmente vai ser remanejado ou mesmo compartilhado com outras mídias. Mas para entrar no mercado não há como fugir da tal convergência.” (Apêndice V)

Apesar de a convergência ser inevitável, como aponta a maioria dos entrevistados, ela também tem gerado conflitos. Para Flávia Lopes houve um aumento no volume de trabalho.

Os veículos cobram do profissional a atualização dois ou até mais meios, como se o trabalho fosse um só. A apuração é uma só, mas os meios têm



características diversas e o jornalista precisa adaptar o seu material a cada um desses meios, o que requer tempo. A mudança também tem gerado conflitos internos, pois apesar de serem contratados para um fim (ou TV, ou impresso, entre outros) os profissionais estão sendo obrigados a trabalhar para outros, sem um aumento de salário ou de gratificações. (Apêndice I)

As questões levantadas acima são alguns dos problemas que esse novo profissional de jornalismo tem que enfrentar. Além de ter conhecimento sobre as diversas tecnologias e de como usar essas ferramentas, os jornalistas precisam se adequar a meios diferentes, sem deixar de lado aquilo que sempre foi uma característica principal e fundamental do jornalista, a análise contextualizada sobre a informação.

Três dos entrevistados que se formaram na década 1990, ou antes, também falaram das mudanças no perfil do profissional de jornalismo de dez, 15 anos atrás, em relação que se forma hoje. Segundo Oseir Cassola, o profissional de 15 anos atrás já estava inserido na tecnologia que revolucionou a mídia de uma forma geral. Para se manter no mercado, teve que se adaptar de uma forma veloz ao que lhe era oferecido. “Como nunca, a ordem era adaptar-se e explorar ao máximo o que a tecnologia – não mais vislumbrada, mas concreta, real – oferecia”. (Apêndice II)

Para Paulo Roberto, que formou em 1991, os computadores facilitam a vida dos jornalistas, no entanto isso gerou um certo comodismo que, por vezes, pode levar à prática do mau jornalismo. Ele considera que as mudanças foram de caráter técnico e que ontem, tal como hoje, bom jornalismo precisa de apuração rigorosa e muito trabalho de checagem.

Já Ricardo Mirando acredita que a formação era diferente, com outro foco:

Ainda peguei um pouco daquela ideia de jornalismo quase artesanal, romântico. Hoje as mudanças nos meios de comunicação, sobretudo com o advento da internet, trouxeram marcas muito fortes na formação do novo jornalista. Isso é muito legal. O problema é que falta algo mais aprofundado. Acho que essa coisa de o jornalista falar de tudo sem entender de nada nunca esteve tão evidente como nos dias de hoje. (Apêndice V)

A internet virtualizou o espaço de atuação, mas essa reconfiguração é mais ampla ainda por que ela atinge, não somente a maneira de fazer jornalismo, mas também o jeito de ensinar e aprender a profissão.

Conclusão

O presente trabalho foi idealizado com o objetivo, e pela necessidade, de entender e interpretar como é a relação entre as tecnologias da comunicação e o fazer jornalístico na contemporaneidade. Por meio da revisão bibliográfica, foi possível afirmar que a tecnologia



sempre esteve atrelada à prática jornalística. Entretanto, a introdução dos computadores nas redações e sua utilização em rede provocaram transformações sem precedentes no processo de produção e divulgação notícias, bem como no relacionamento com as fontes no ciberespaço.

Com as novas tecnologias, ganhou-se mais mobilidade, velocidade e interação, sem contar as inúmeras ferramentas digitais oferecidas pelo novo meio que aos poucos são introduzidas nas redações. Essa nova gama de ferramentas possibilitou o acesso a um grande volume de informações sem que fosse necessário qualquer deslocamento físico. Fator este que contribuiu para que a informação jornalística, bem apurada, passasse a circular com mais rapidamente e qualidade. Por outro lado, é possível verificar que, neste contexto, a busca exagerada pela rapidez de publicação e a comodidade proporcionada pela pesquisa na web, muitas vezes, podem levar os jornalistas ao erro. No entanto, tais erros não podem ser creditados à utilização da internet e de suas ferramentas, mas sim à falta de preparo por parte de alguns jornalistas para lidar com essas novas tecnologias.

Com a análise, foi possível identificar que mesmo com as mudanças ocorridas ao longo dos séculos na prática jornalística, os conceitos e critérios fundamentais para se fazer uma boa reportagem não mudaram. Ainda e sempre será preciso checar as informações obtidas, sejam elas de qualquer meio; ouvir os dois lados da questão e tentar sempre ser imparcial.

O trabalho mostrou também que os profissionais de jornalismo não podem deixar de se atualizar, pois a cada dia as tecnologias teem criado novas habilidades e potencialidades e quem não se reciclar vai ficar perdido no tempo e no espaço. Contudo é necessário que os jornalistas se comprometam mais com seu trabalho e busquem realizá-lo a cada dia da forma mais correta, usando qual tecnologias for preciso. Em termos de apuração e checagem de informações, o jornalismo multimidiático não deve se diferenciar daquele praticado nas chamadas mídias tradicionais. De fato, a internet oferece novas possibilidades para a realização destas etapas do processo de produção de notícias, mas todas elas precisam ser cumpridas com o mesmo rigor. A necessidade de se publicar conteúdos com rapidez e a facilidade de pesquisa na internet não podem servir para justificar a falta de qualidade na apuração das informações veiculadas. As técnicas mudam, mas os procedimentos para a realização de um bom jornalismo devem permanecer sempre.

Referências Bibliográficas



BALDESSAR, Maria José. Apontamentos sobre o uso do computador e o cotidiano dos jornalistas. In: INTERCOM, 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: UNIDERP, UCDB e UFMS, 2001. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2BALDESSAR.PDF>. Acesso em: 20 mar. 2011.

CRUCIANELLI, Sandra. **Ferramentas digitais para jornalistas**. Tradução Marcelo Soares. Editora: Centro Knight. Publicação: 2010.

DEL BIANCO, Nélia R. A Internet como fator de mudança no jornalismo. Publicado **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. XXVII, no 1, janeiro/junho de 2004. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>. Acessado em 20 jun. 2011.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Cláudia do Carmo Nonato. O Jornalista em Pauta: mudanças no mundo do trabalho, no processo de produção e no discurso, In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – **Anais eletrônico ...** Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: http://busca.unisul.br/pdf/94950_Cynthia.pdf. Acessado em 22 mar, 2011.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>. Acessado em 22 mar. 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. Comunicação e jornalismo. **A saga dos cães perdidos**. 2º ed. - São Paulo: Hacker Editores, 2002.

OLIVEIRA, Roseli M. de Souza. **O impacto da internet no jornalismo: características e Recomendações para a concepção de jornais digitais Interativos**. 2001. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção. 2001. Disponível em: <http://www.unaerp.br/comunicacao/professor/messias/arquivos/joronline.pdf>. Acessado em: 30 abr. 2011.

RAMALHO, José Antônio. **Mídias Sociais prática**. _____. –São Paulo. Ed. Elsevier, 2010.

RESENDE, Evie Saramella. **Jornalismo e Tecnologia – O uso da internet no processo de produção de notícias**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008. Disponível em: <http://www.facom.ufjf.br/documentos/downloads/projetos/2008-2/EvieSaramella.pdf>. Acessado em 22 de mar, 2011.

TORRES, Cleyton Carlos. As novas habilidades do jornalista. In _____. E-Notícias. **Observatório da Imprensa**. 14/06/2011 na edição 646. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/as-novas-habilidades-do-jornalista>. Acessado em: 22 mar 2011.